

A FILOSOFIA DE NIETZSCHE COMO PROPEDÊUTICA À SUPERAÇÃO DO HOMEM

Ildenilson Meireles Barbosa*

Resumo:

O artigo pretende mostrar dois momentos importantes da filosofia de Nietzsche que correspondem à elaboração da noção de superação do homem. Em *Assim falou Zaratustra*, algumas pistas fornecidas por Nietzsche nos levam a considerar que uma efetiva superação do homem só se dá tendo em vista uma profunda reflexão sobre o seu futuro, que é o próprio ensinamento de Zaratustra. Em *Genealogia da Moral*, retomando o tema da superação vinculado ao pensamento sobre o futuro do homem, Nietzsche parece indicar que nos dois registros a superação do homem diz respeito a uma propedêutica que é animada pela figura do além-do-homem.

Palavras-chave: Superação. Além-do-homem. Ensino.

Mesmo considerando que não há um tratamento muito elaborado e explícito em relação à figura do *Übermensch* nas obras publicadas por Nietzsche ou preparadas para publicação, como também não se encontram aí muitos elementos sobre outras noções capitais de sua filosofia, tais como vontade de poder e eterno retorno, é necessário buscar alguns registros em que o tema da superação do niilismo, pela caracterização do além-do-homem, aparece esboçado como pista das freqüentes tentativas por parte do filósofo de superar as dificuldades impostas pelo próprio pensamento sobre o niilismo. Além do mais, como não se trata de um movimento rigorosamente lógico em que as idéias se encadeiam ao modo de um *sistema* ao final do qual seria possível oferecer ao leitor uma compreensão satisfatória de seu pensamento em sentido técnico-conceitual; do mesmo modo como não se encontra aí um pensamento regido por um método rigoroso de investigação, também em sentido lógico, capaz de conduzir as idéias segundo uma ‘ordem de razões’, o pensamento de Nietzsche, de acordo com nossa interpretação, permite sempre uma retomada de temas já abordados em obras anteriores e reconsiderações que permitem ampliar uma perspectiva e, assim, bem como abrir caminho para novas perspectivas, novas avaliações, enfim, novos problemas. Nesse

* Doutor em filosofia pela UFSCar e professor do departamento de filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, Montes Claros, MG-Brasil. E-mail: imbarbosa@ig.com.br

sentido, nossa consideração pretende mostrar algumas indicações de Nietzsche sobre o além-do-homem presentes em duas obras de estilos diferentes, mas que marcam o período de elaboração do projeto de transvaloração dos valores, projeto este que encaminha o pensamento de Nietzsche sobre o niilismo para uma superação do mesmo.

O recorte a ser feito aqui diz respeito ao fato de que Nietzsche tem em vista que a consolidação da dinâmica de superação do niilismo pode alcançar seu termo na afirmação incondicional de todo acontecimento. Diante disso, presumimos, a partir das indicações do filósofo, que essa tarefa supremo-afirmativa deva ser assumida como destino por um novo tipo de homem, muito distante do típico homem moderno, o *Übermensch*.

O ponto central que anima a nossa análise é a sugestão de que a dinâmica da transvaloração na filosofia de Nietzsche tem como escopo principal a liberação do homem do grande cansaço de existir, ou seja, trata-se de indicar o projeto de transvaloração como um projeto de *redenção* do homem, como liberação do homem para o além-do-homem, como ensina Zaratustra. Nesse sentido, achamos necessário cotejar as pistas fornecidas por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* (1883/1885) com outras indicadas em *Genealogia da Moral* (1887) sobre sua consideração em torno de um novo tipo de homem que, segundo sua expectativa, viria confirmar o caráter dinâmico da vontade de poder na criação de novos valores, ao mesmo tempo em que cancelaria a superação do niilismo na aceitação incondicional do mundo e da vida, isto é, no *amor fati*. Desse modo, faz-se necessário apresentar, a partir das duas obras mencionadas, aspectos importantes que apontam para as expectativas de Nietzsche em relação à elevação (*Erhöhung*) do tipo homem e sua conseqüente superação da moral¹⁷³.

Num texto de *Assim falou Zaratustra*, denominado “Nas ilhas bem-aventuradas”, Nietzsche expressa a necessidade de olhar em direção ao futuro: “vede que plenitude há em torno de nós! E daqui, desta abundância, é bonito olhar, ao longe, para mares distantes”

¹⁷³ É importante destacar que o projeto nietzscheano de superação do niilismo não tem em vista uma destruição inconseqüente de toda moral, mas somente sua auto-supressão e superação. O próprio filósofo reconhece que sua crítica, apesar de realizar deslocamentos no campo da moral, não pode ficar imune a um determinado tipo de moral. Como bem observa Edmilson Paschoal, “tomar seus escritos como sinais significa passar pela investigação dos pressupostos que ele assume para efetivar seu empreendimento crítico, da moral específica que ele critica, do tipo que apresenta como melhor e, por fim, da moral que esse tipo requer para se produzir e para se expandir” (PASCHOAL, 2002, p. 54). Essa interpretação nos ajuda a defender a tese de que o alcance afirmativo da filosofia de Nietzsche se dá como projeto de redenção do homem na medida em que “mesmo quando um leitor se depara com o ‘lado negador de seu projeto’, deve ter presente que esse empreendimento crítico-corrosivo tem por objetivo liberar a moral como meio e permitir que se retire dela seu fruto mais maduro” (ibidem, p. 67), isto é, o indivíduo soberano, “o fruto mais maduro da moral”, uma das figuras do tipo homem que se liberou da vontade de nada e que aprendeu “a tomar o niilismo como força plástica e modeladora” (ibidem).

(NIETZSCHE, 1995a, p. 99)¹⁷⁴. Esse sentimento de plenitude indica que Nietzsche parece estar ciente das conseqüências positivas que podem decorrer do acontecimento moderno da morte de Deus. Ciente de que não pode apressar-se em determinar todos os contornos desse futuro do homem, Nietzsche está ciente também de que a superação do homem, sua elevação ao além-do-homem, diz respeito a um processo que levará tempo para ser compreendido. Acostumado a valores “dados”, imutáveis, que não figurariam na dinâmica do vir-a-ser, o homem moderno não encontra ainda condições favoráveis para lançar-se ao desconhecido, para arriscar-se no perigoso “talvez” (NIETZSCHE, 1992, p. 11). Para Nietzsche, a superação do niilismo em seu sentido pleno, entendida como decorrência do engajamento do homem em relação a si mesmo, diz respeito a um processo que se consolidará à custa de uma inversão radical do platonismo e de um ultrapassamento da moral cristã. Numa aproximação das expectativas de Nietzsche expostas em *Assim falou Zaratustra*, em que proclama veementemente a figura do além-do-homem¹⁷⁵, com o texto de *Genealogia da Moral*, em que reclama a vinda de um tipo superior de homem, o filósofo expressa o mesmo sentimento, a mesma compreensão de que se trata ainda de um processo, portanto, de um porvir do homem:

Mas algum dia, em um tempo mais forte do que este presente podre, que duvida de si mesmo, ele tem de vir a nós, o homem *redentor* do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador, cuja força propulsora o leva sempre outra vez para longe de todo à-parte e de todo além, cuja solidão é mal entendida pelo povo, como se fosse uma fuga da efetividade –: enquanto é apenas seu mergulhar, enterrar-se, aprofundar-se na efetividade, para um dia, quando ele outra vez vier à luz, trazer de lá a *redenção* dessa efetividade: redimi-la da maldição que o ideal até agora depôs sobre ela (NIETZSCHE, 1997, p. 84).

A própria idéia de “mares distantes”, no texto de *Assim falou Zaratustra*, cotejado com a idéia de “futuro” do homem mencionada na citação acima, indica um domínio extrínseco ao tempo presente e sugere, na mesma direção, algo de positivo ainda a ser

¹⁷⁴ Esse sentimento já é antecipado pelo filósofo na seção 575 de *Aurora*, intitulado: *Nós aeronautas do espírito!*: “(...) E para onde queremos ir? Queremos passar além do mar? Para onde nos arrasta esse poderoso apetite, que para nós vale mais que qualquer prazer? Mas por que precisamente nessa direção, para lá onde até agora todos os sóis da humanidade *declinaram*? Talvez um dia dirão de nós, que também nós, *navegando para o ocidente, esperávamos alcançar umas Índias* – mas que nosso destino era naufragar o infinito? Ou, meus irmãos! Ou? – (NIETZSCHE, 1979, p. 194).

¹⁷⁵ Outras várias seções, além da que tomamos como referência, ilustram as expectativas de Nietzsche em relação ao além-do-homem. Por exemplo, “O prólogo de Zaratustra”, “Do caminho do criador”, “Do superar si mesmo”, “Da redenção” e “Do homem superior”, todas tratam, se não direta, pelo menos indiretamente do tema.

alcançado. No entanto, é preciso atentar para o fato de que essa dimensão temporal a que Nietzsche chama “futuro” do homem, na qual o além-do-homem se apresentaria, não indica uma expectativa passiva em relação a algo que acontecerá necessariamente. Ao contrário, é preciso dizer que o além-do-homem já está em regime de efetividade e o niilismo, na mesma medida, em vias de superação. Na seqüência do texto de Zaratustra, Nietzsche inverte a perspectiva: “Dizia-se ‘Deus’, outrora, quando se olhava para mares distantes: mas, agora, eu vos ensino a dizer: ‘Além-do-homem’”¹⁷⁶ (NIETZSCHE, 1995a, p. 99). Ora, todo o modo de determinação do mundo e da vida, no plano da moral platônico-cristã, era posto em termos de um finalismo cujo alcance mais significativo era precisamente Deus como projeção de todas as aspirações humanas nele sublimadas. Os dois textos abordados aqui parecem mostrar que o núcleo do projeto nietzscheano de transvaloração se caracteriza justamente pela ruptura com a tradição naquilo que ela tratou de elaborar dogmaticamente sob a égide de um valor supremo. Para Nietzsche, trata-se, a partir da suspeita de que todo valor é invenção humana, de projetar uma nova moral na qual os valores a ela pertencentes proporcionem uma alternativa afirmativa em relação ao mundo e à vida. Assim, projetar uma “nova” moral significa, em última instância, transvalorar todo o *modus operandi* da moral vitoriosa, a moral cristã, num movimento de ultrapassamento e superação de seus valores.

A idéia capital no início do discurso de Zaratustra, alinhavado com o exposto no prólogo de *Para a Genealogia da Moral*, é a transvaloração operada em relação à perspectiva adotada para o futuro do homem, ou seja, não mais Deus, mas o além-do-homem constitui agora a *meta* a ser alcançada como “*supremo brilho e potência do tipo homem*” (NIETZSCHE, 1997, p. 13). É importante notar que não há aqui uma substituição de Deus pelo homem, mas o além-do-homem aparece como pensamento mais importante na travessia do niilismo. Outrora o sentido era Deus; agora, o além-do-homem deve constituir o sentido da terra.

Numa leitura dos ensinamentos de Zaratustra, Heidegger expressa bem o que parece ser a compreensão de Nietzsche acerca desse ponto:

Segundo o ponto de vista e a opinião de Nietzsche, o além-do-homem na é uma mera ampliação do homem até aqui. Ao contrário, ele é aquela figura extremamente inequívoca da humanidade que em algum grau se coloca no poder em todo homem e que lhe empresta por meio daí o pertencimento ao ente na totalidade, isto é, à vontade de poder, mostrando-o como sendo um

¹⁷⁶ Tradução modificada.

“ente” verdadeiro, próximo da realidade e da “vida”. O além-do-homem deixa simplesmente pra trás o homem dos valores até aqui, o “ultrapassa” e transfere a justificação de todos os direitos e a posição de todos os valores para a potencialização do puro poder. Todo agir e todo desempenho só vigem como tais na medida em que e até o ponto em que servem à dotação, à seleção e à elevação da vontade de poder (HEIDEGGER, 2007, p. 28).

Entretanto, apesar do tom enfático e mesmo propositivo com que Nietzsche se refere ao tipo superior, trata-se ainda de um ensinamento que precisa ser “aprendido” pelo homem uma vez que o além-do-homem não parece ser uma fórmula já determinada, um *a priori* do tipo homem, mas algo que pertence ao seu porvir. Seu aparecimento, portanto, se situa no extremo das adversidades efetivamente enfrentadas pelo homem para que ele possa se tornar, por direito seu conquistado sob a vigência da vontade de poder, o sentido da terra ou, pelo menos, o *leitmotiv* de onde poderão ser retiradas todas as perspectivas doadoras de sentido afirmativo da existência.

Pode-se considerar que essa antevisão de Nietzsche acerca desse longo caminho de travessia do niilismo possa se concretizar na análise da história da moralidade. O que conseguimos perceber na genealogia dos valores morais esboçada por Nietzsche em sua obra de 1887 é que a superação do homem, na óptica da superação de todo o niilismo, ao mesmo tempo em que continua o projeto de transvaloração anunciado por Zarathustra, abre a possibilidade de retomar as idéias fundamentais que lhe serviam de motivo, isto é, o além-do-homem e o eterno retorno, agora sob o viés da essência da vida, a vontade de poder (cf. NIEZSCHE, 1997, p. 67). Com efeito, a modernidade se apresenta apenas como travessia do niilismo a ser superado e o homem deve começar a preparar aí as condições para o advento do além-do-homem: “Não vós mesmos, talvez, meus irmãos! Mas podeis tornar-vos pais e ancestrais do além-do-homem; e que esta seja a vossa melhor criação!” (NIETZSCHE, 1995a, p. 100). Trata-se aqui de um processo de superação que já encontra no poder de criação condições favoráveis a uma nova consideração do homem e do mundo que só poderá ser alcançada com o labor do próprio homem em relação a si mesmo e em relação a um tempo futuro, com a autocompreensão de que, com a morte de Deus, também o homem perde todo o valor que o constituía e o mundo agora parece sem sentido. Nesse sentido, acompanhando a interpretação de Heidegger, parece ser justamente sob a vigência da vontade de poder que se pode considerar o ultrapassamento do homem.

Ainda de acordo com a interpretação de Heidegger, pode-se dizer, acerca dessa relação entre a morte de Deus e o sentido da vida do homem, que se trata um novo estatuto do

mundo sensível que começa a ganhar força a partir da inversão operada por Nietzsche:

Se Deus, como Causa supra-sensível e como Fim de toda realidade, se o mundo supra-sensível das Idéias perdeu toda força de determinação e, sobretudo, de despertar e de elevação, o homem não sabe mais a que se agarrar e não permanece nada mais que possa orientá-lo. É por isso que na passagem citada há uma questão: “não vagamos através de um nada infinito?”. Assim, a sentença de Nietzsche “Deus morreu” constata que um nada começa se desdobrar. Nada quer dizer aqui: ausência de um mundo supra-sensível em poder de determinação (HEIDEGGER, 1962, p. 262).

Ora, estando agora o homem deslocado de seu centro de gravidade e o mundo permanecendo completamente sem sentido, a pergunta que deve ser feita é: de quem o homem deve aprender a criar uma nova imagem de si mesmo e do mundo? Segundo a letra de Nietzsche, Zaratustra é o primeiro a encaminhar o homem para o sentido afirmativo de si e do mundo, uma vez que ele é o único capaz de toda destruição dos velhos ideais e de todo desprezo pelo homem. *Zaratustra*, o mestre do eterno retorno, é o tipo niilista mais radical por enfrentar o pensamento mais abissal e tentar contornar as implicações contidas na idéia do eterno retorno do ponto de vista de uma afirmação incondicional do mundo. Isso porque “ele viu mais longe, quis mais longe e pôde mais longe que qualquer homem” (NIETZSCHE, 1995b, p. 89). Além disso, ele é o que *ensina* o além-do-homem (*der Übermensch*) como *esperança terrena* de plenitude do humano (cf. NIETZSCHE, 1995a, p. 30) e mostra o último homem (*der letzte Mensch*) como forma degenerada do tipo homem que deve ser superada (cf. NIETZSCHE, 1995a, p. 33). Estas parecem ser pistas importantes do caráter propedêutico do discurso de Zaratustra sobre o *Übermensch*. O que parece ser mais importante no Zaratustra de Nietzsche são os seus ensinamentos e não propriamente a personagem criada pelo filósofo. Nietzsche fala de suas expectativas, de sua solidão, de seu pensamento abissal, dos seus ‘sins’ e dos seus ‘nãos’ pela boca de Zaratustra. Com efeito, essa personagem que anuncia a morte de Deus, que quebra as tábuas de valores e exige a criação de novos valores pode muito bem ser aproximada daquela definição que Nietzsche dá de si mesmo no *Ecce Homo*: “*Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor – um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos liam o seu Horácio*” (NIETZSCHE, 1995b, p. 58, *grifo nosso*). Essa autodenominação anuncia a tarefa do primeiro psicólogo da Europa, em boa parte já cumprida, mas cujo alcance ainda deve fazer surgir, como antítese e superação do último homem, o além-do-homem-

criador. Nesse sentido, o próprio Nietzsche/Zaratustra/psicólogo se coloca a tarefa não somente de diagnosticar a *doença* do homem moderno, mas de devolver a ele sua *saúde*¹⁷⁷ através dos ensinamentos morais radicados na expectativa da afirmação incondicional de todo acontecimento. Não se trata, pois, de uma destruição de toda moral, mas de um determinado projeto moral engendrado por valores niilistas. A inversão do platonismo parece ser, nessa perspectiva, somente o primeiro golpe do martelo nietzscheano cuja afirmação incondicional desejada pelo filósofo ainda precisa esperar o ultrapassamento mais completo da moral niilista *par excellence*, a moral cristã. Projeto salvacionista? Improvável numa filosofia que assume o ponto de vista dos fortes, dos nobres, que não se convence da teleologia cristã nem mesmo do finalismo científico. Redenção completa da cultura por amor ao homem? Reprovável num filósofo que primeiro ensina desprezar e rejeita a compaixão como o que há de melhor em sentido moral. Trata-se, em verdade, de um *engajamento* do homem sobre si mesmo com o intuito de alcançar um tipo de vida cujo fundamento é *são e*, por isso, se manifestaria nele uma capacidade ímpar de suportar afirmativamente o mundo que retorna eternamente com seus instantes de necessidade (cf. NIETZSCHE, 1995b, pp. 10-11). Nesse sentido, o ensinamento de Zaratustra, segundo Nietzsche, não pode ser mal compreendido:

Entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele, fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito (...) é também o mais profundo, o nascido da mais oculta riqueza da verdade, poço inesgotável onde balde nenhum desce sem que volte repleto de ouro e bondade. Aqui não fala nenhum “profeta”, nenhum daqueles horrendos híbridos de doença e vontade de poder chamados fundadores de religiões. É preciso antes de tudo *ouvir* corretamente o som que sai desta boca, este som alciónico, para não se fazer deplorável injustiça ao sentido de sua sabedoria (NIETZSCHE, 1995b, p. 19).

Para Nietzsche, Zaratustra não “apenas fala diferente” de “qualquer ‘sábio’, ‘santo’,

¹⁷⁷ Esse é um tema constante na última filosofia de Nietzsche, mas que já aparece nos escritos intermediários; por exemplo, em *A Gaia Ciência*. Na seção intitulada “A grande saúde” (*Die grosse Gesundheit*), Nietzsche prepara seus leitores para o alcance alciónico de sua filosofia: “um novo ideal corre à nossa frente, um ideal estranho, tentador, rico de perigos, ao qual não gostaríamos de persuadir ninguém, porque a ninguém concederíamos tão facilmente o direito a ele” (NIETZSCHE, 1979, p. 231). Para tanto, para um enfrentamento com esse “novo ideal” a partir do qual “o destino da alma muda de rumo”, o filósofo diz precisar “de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais engenhosa, mais tenaz, mais temerária, mais alegre, do que todas as saúdes que houve até agora” (Idem, p. 230). É certo que Nietzsche trata desse tema num duplo sentido, psicológica e fisiologicamente. Em *Ecce Homo*, ele joga com esse duplo sentido quando afirma: “Tomei-me em mãos, curei a mim próprio: a condição para isso – qualquer fisiólogo o admitirá – é *ser sadio no fundamento* (...) fiz de minha vontade de saúde, de *vida*, minha filosofia” (Idem, p. 378).

‘salvador do mundo’ ou outro *décadent*”, mas “ele é também diferente” (NIETZSCHE, 1995b, p. 19). A partir dessas indicações de Nietzsche, pode-se concluir que o engajamento do homem sobre si mesmo pode ser traduzido como um tornar-se si mesmo, um criar a si mesmo como liberação definitiva de uma determinação transcendente. Não só a *criação* de si mesmo, mas a do mundo, de uma nova consideração do mundo, diz Nietzsche: “É aquilo a que chamais mundo, é preciso, primeiro, que seja criado por vós” (NIETZSCHE, 1995a, p. 100). É nesse jogo de perspectivas, mais uma vez, que Nietzsche expressa a autosuperação do homem como uma vertigem, um abismo do qual não se pode escapar aquele que se deixou perturbar pelo *dictum horribile* “Deus morreu!”. Se Nietzsche tem em vista levar o homem de seu tempo à consciência de que é preciso promover a grande saúde, esta, no entanto, só viria com o aprofundamento da doença. Portanto, precipitar o homem no abismo cada vez mais é uma experiência necessária da qual decorrerá a aceitação incondicional de todo acontecer. Levado isso em conta, é preciso insistir no fato de que a negação de Deus como valor supremo coloca o homem diante de uma experiência de superação de si: “Deus é uma suposição; mas quem beberia, sem morrer, todo o tormento dessa suposição?” (NIETZSCHE, 1995a, p. 100). É nesse sentido que o surgimento do além-do-homem depende de todo um labor do homem sobre si mesmo, de uma criação de si como forma de se redimir de sua *humanidade*: “Criar – essa é a grande redenção do sofrimento, é o que torna a vida mais leve. Mas, para que o criador exista, são deveras necessários o sofrimento e muitas transformações” (NIETZSCHE, 1995a, p. 101). Essa idéia de que o homem é apenas um momento de *transição* para algo de melhor ou superior se consuma no final da seção em que Nietzsche fornece pistas de que somente o ato de criar é capaz de redimir o homem de sua própria condição e lançá-lo para além de si mesmo:

Mas novamente e sempre para os homens, impele-me a minha ardente vontade de criar; do mesmo modo é o martelo impelido para a pedra.
Ah, dorme na pedra para mim, ó homens, uma estátua, a imagem das minhas imagens! Ai de mim, que ela deva dormir na pedra mais dura e mais feia!
Agora, enfurece cruelmente o meu martelo contra a sua prisão. Despede a pedra um pó de estilhaços; que me importa?
Quero concluir a estátua: porque uma sombra veio a mim – a mais silenciosa e leve de todas as coisas veio a mim!
A beleza do além-do-homem veio a mim como uma sombra.
Ah, meus irmãos! Que ainda me importam – os deuses!”
Assim falou Zaratustra (NIETZSCHE, 1995a, p.101).

REFERÊNCIAS:

HEIDEGGER, M. *Le mot de Nietzsche: "Dieu est mort"*. In: *Holzwege*. Traduzido do alemão por Wolfgang Brokmeier, Paris: Gallimard, 1962.

_____. *Nietzsche*, vol. 2, trad. de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke*, Berlim: Walter de Gruyter, 1999, 15 vols.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Mario da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Além do Bem e do Mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

_____. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Obras Incompletas*. Trad. de Rubens R. T. Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PASCHOAL, A. E. *Nossas virtudes: indicações para uma moral do futuro*. In: *Cadernos Nietzsche*, nº 12, 2002.